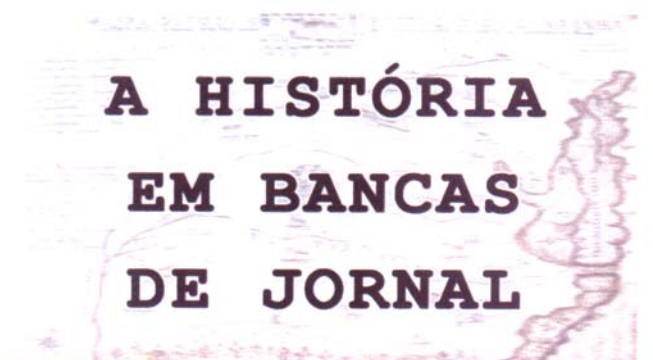




ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciencia: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thatianamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sítio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e DVDs, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiosincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANÁLISE DE MATERIAL DE DIVULGAÇÃO HISTÓRICA
COLEÇÃO GRANDES GUERRAS – VOLUME I

Disciplina FLH – 401 – Teoria da História I
Profa.Dra.Raquel Glezer

Aluno: Marcos Ahlers Nascimento - No. 4870986
Noturno

1º semestre de 2005

Índice

Introdução

A Editora

Composição da Revista

Capas

Primeira página

Sumário

Introdução

Abordagem principal da revista

Outros temas

Conclusões

Bibliografia

Introdução

O material de divulgação histórico escolhido para análise foi o volume I da Coleção Grandes Guerras: I Guerra Mundial (1914-1918). A Coleção Grandes Guerras é uma publicação especial da Editora Abril S.A. vinculada a outras publicações da editora – SUPER Interessante e Aventuras na História – dedicadas, parcialmente ou integralmente, a artigos de cunhos históricos. No editorial da revista, intitulado Carta do Front, encontramos a justificativa para a publicação do material analisado. A editora Karla Monteiro atribui o projeto e a realização da Coleção Grandes Guerras ao sucesso editorial da edição especial de aventuras da História, em junho de 2004, dedicada a II Guerra Mundial. O restante da Carta do Front é dedicado a agradecer e enaltecer a equipe que desenvolveu a revista, além de citar o morticínio do conflito. Pretendo, nessa breve análise, abordar a disposição iconográfica na revista.

A editora¹

Antes de iniciarmos a análise do primeiro volume da Coleção Grandes Guerras iremos conhecer a forma como a editora da revista apresenta-se. Segundo o site oficial da Editora Abril S/A. a empresa teve início em 1950 com Victor Civita e a publicação de *O Pato Donald*. A editora começou num pequeno escritório no centro de São Paulo, ao todo, com meia dúzia de funcionários.

Em 1960 Victor Civita resolveu publicar obras de referência em fascículos. Foi um fenômeno editorial. O conhecimento antes restrito às bibliotecas e livrarias chegava às bancas e ao grande público. Ao mesmo tempo, o crescimento da família Disney e o lançamento de *Zé Carioca*, em 1961, estimularam os quadrinhos nacionais. *Recreio*, lançada em 1969, levou mais adiante a proposta de educar divertindo com suas histórias e atividades.

Segundo o “site” a Abril esteve presente nas principais transformações da sociedade brasileira. O crescimento do turismo e da indústria automobilística, por exemplo, fez nascer *Quatro Rodas*. Futebol e sexo ganharam revistas sobre o assunto com *Placar* e *Playboy*. E *Veja*, hoje a maior revista do país, foi responsável por algumas das melhores reportagens publicadas na imprensa nacional. A Abril também acompanhou de perto a mulher brasileira nas últimas cinco décadas com o lançamento de revistas femininas. *Capricho* começou com fotonovelas e em 1981 foi reformulada para falar com as adolescentes. *Manequim*, a primeira revista de moda da Abril, hoje é uma das mais vendidas no Brasil. *Cláudia*, que nasceu em 1961, focalizava inicialmente a dona-de-casa. Ao longo dos anos, para manter a liderança no setor, recebeu sucessivas adaptações e tratou de temas polêmicos, como o feminismo. Nas décadas seguintes, surgiram inúmeros títulos, entre eles *Nova* e *Elle*, e, recentemente, *Estilo*.

O logotipo da empresa representa a fertilidade, a vida, e o verde é a cor da esperança e do otimismo. Hoje a Editora publica mais de 250 títulos, que chegam a 26 milhões de leitores. A Gráfica utiliza processos digitais e imprime cerca de 350 milhões de revistas por ano.

¹ As informações sobre a Editora Abril foram obtidas no site www.abril.com.br

Com todos os seus sites, atinge cerca de 200 milhões de pageviews ao mês, e os jovens expectadores da MTV (também do Grupo Abril) chegam a 7,7 milhões ao mês. As revistas representam 76% das atividades do Grupo. São 150 títulos publicados anualmente, com circulação de aproximadamente 200 milhões de exemplares vendidos ao ano e 3,7 milhões de assinaturas. As principais revistas são:

Ana Maria
Arquitetura & Construção
Atividades
Aventuras na História
Boa Forma
Bons Fluidos
Bravo!
Capricho
Caras
Cartoon Network
Casa Cláudia
Cláudia
Cláudia Bebê
Cláudia Cozinha
Contigo
Decoração para o Bebê
Elle
Escola
Estilo
Exame
Faça e Venda
Disney
Info Exame
Info Corporate
Manequim
Manequim Noiva
Minha Novela
Mundo Estranho
National Geographic
Nova
Placar
Playboy
Quatro Rodas
Recreio
Revista das Religiões
Saúde
Simpsons
Spawn
Superinteressante
Tititi
Veja

Veja São Paulo
Veja Rio
Veja Suplementos Regionais
Viagem e Turismo
Vida Simples
Vip
Viva Mais
Voce S/A
Witch

O Grupo Abril é um dos maiores e mais influentes grupos de comunicação da América Latina, com uma receita líquida de R\$ 2,1 bilhões em 2004. Suas publicações têm uma circulação de 178 milhões de exemplares, em um universo de 26 milhões de leitores. Sete das dez revistas mais lidas no país são da Abril, sendo que *Veja* é a quarta maior revista semanal de informação do mundo e a maior fora dos Estados. A empresa emprega hoje cerca de seis mil pessoas e atua nas áreas de revistas, educação, conteúdo e serviços online, internet em banda larga, TV segmentada e por assinatura e database marketing.

A Fundação Victor Civita, criada em 1985 e desde então dedicada à melhoria do ensino fundamental no país, deu início aos projetos de responsabilidade social da Abril. Com a revista *Escola* a Fundação atinge mensalmente 1,5 milhão de professores em praticamente cada escola do país. Além do trabalho voluntário e do talento de seus profissionais, a Abril disponibiliza recursos para várias iniciativas que reforçam os laços da empresa com a comunidade, promovendo educação, cultura, preservação do meio ambiente, saúde e voluntariado em diversos projetos de cidadania e participação social.

Composição da revista

Capas

No alto da capa o título da revista, Coleção Grandes Guerras, logo abaixo à direita a indicação Aventura na História – edição 1 – setembro de 2004. A imagem de destaque da capa é o desenho de uma máscara de gás em cores sombrias que, em conjunto, com o subtítulo “O marco sangrento entre o velho e o novo mundo” indica o tom da revista e as estratégias usadas para atrair o público – voltarei a esse tema posteriormente. Parte inferior estão em destaque os temas abordados na revista: O dia-a-dia nas trincheiras, horror no front ocidental, o fiasco de Churchill, 120 mil crianças mortas em combate, os mapas do conflito, o jovem Hitler, gases letais, as armas decisivas, barão vermelho e batalhas navais. Também na parte inferior da página, a esquerda o logo da Editora Abril S/A e a direita o logo da revista SUPER Interessante.

Na contracapa confirmamos que o estímulo à curiosidade é o “gancho” para atrair o leitor. O fundo é preto – assim como a parte posterior da capa e da contracapa – e quatro frases iniciadas com reticências completam a frase em destaque na metade superior da contracapa:

No primeiro volume você vai descobrir que...

... pelo menos 9 milhões de soldados morreram e outros 40 milhões foram feridos e mutilados nas frentes de batalha.

... em 1914 o Ocidente já vivia de olho no petróleo da região onde hoje está o Iraque. Bagdá foi um dos principais alvos dos ingleses.

... aviões, submarinos, tanques e metralhadoras são inovações da I Guerra. Mas técnicas rudimentares, como pombos-correio, também marcaram presença nos fronts.

... o conflito colocou um fim nas monarquias absolutistas, proporcionou a ascensão do socialismo e alçou os Estados Unidos ao posto de potência mundial.

Primeira página

Na primeira página temos o editorial intitulado Carta do Front – abordado na introdução deste trabalho – em destaque, no canto esquerdo informações sobre a editora Abril, abaixo do editorial a primeira foto da revista e no canto direito ocupando pouco espaço – mas em destaque devido a cor – uma chamada publicitária. Vamos nos ater a imagem reproduzida nessa primeira página. É uma foto preta e branca com a legenda: o embarque de soldados ingleses rumo a guerra em 1914. Notamos que a fonte não é indicada e um C no interior de um círculo é acompanhado pela palavra *reprodução*.² O que a imagem ilustra é significativo: um soldado, talvez um marinheiro, despede-se beijando uma garota. A foto adaptou-se bem na introdução, após o clima pesado transmitido pela capa e contracapa, a sensação que temos é de uma ruptura dos laços humanos de afetividade rumo a insanidade da Primeira Guerra Mundial.

Sumário

Em duas páginas com fundo totalmente ocupado pela foto de um combatente nas trincheiras apresenta-se o sumário da revista. Na página 4 destaque para as principais matérias e na página 5 os artigos menores. O combatente olhando para a direita (direção da próxima página) veste roupas pesadas e a legenda declara *Inverno nas trincheiras: neve e ventos cortantes*. No canto superior esquerdo em uma caixa de texto colorida está escrito *Sumário* com letras grandes. Esta caixa de texto aparece na mesma posição em todas as páginas pares e em seu interior, de uma a três, palavras indicam o tema abordado.

Introdução

Escrito por Fabiano Onça e ilustrações de Artur Lopes da página 6 a 11 temos mapas e desenhos de personagens históricos e nas páginas 12 e 13 um artigo de Tamis Parron intitulado Barril de Pólvora. As seis páginas preenchidas por mapas pretendem indicar ao leitor datas importantes (apenas mês e ano) e personagens centrais do conflito. Como exemplo, temos a seta que indica Sarajevo acompanhada da seguinte legenda: *Atentado em Sarajevo, jul 1914, O assassino do arquiduque Ferdinando, príncipe-herdeiro do Império Austro-Húngaro, é o estopim para a guerra. O crime foi cometido pelo nacionalista sérvio Gavrilo Princip, em Sarajevo, atual Bósnia. A primeira parte em letras maiores está em negrito, em vermelho a data e o texto em letra tamanho padrão da revista. O modelo é utilizado nas páginas seguintes, sempre em negrito o nome da batalha e em vermelho a data ou o nome da pessoa desenhada.*

² Na página 8 abordo com maior profundidade o tema.

Nas páginas 10 e 11 o mapa e os textos dão um panorama do pós-guerra. Com um destaque discreto – canto inferior direito da página 11 – temos informações sobre o Iraque, Transjordânia, Palestina, Síria, Líbano e Arábia. Também temos uma prova, segundo Fabiano Onça, *de que a história se repete*, pois os franceses e ingleses dividiram as regiões citadas e passaram a controlá-las até que as populações estivessem maduras para governarem a si mesmas. Este trecho é interessante por citar uma situação semelhante em dois períodos diferentes da história e propagar a idéia, difundida e anacrônica, da repetição histórica. Faço uma pausa na descrição da revista para lembrar que o mito da repetição da história entra em conflito com a história entendida como busca no passado de situações que refletem no presente.

Nas páginas 12 e 13 o artigo de Tramis Parron explora os antecedentes da guerra. Uma charge de Artur Lopes tem grande destaque e pela primeira vez aparece a seção *Saiba Mais*. Esta seção indicará ao longo da revista livros para quem quiser conhecer mais sobre o tema abordado. As páginas 14 e 15 tratam do atentado contra o arquiduque Francisco Ferdinando. Temos a foto de Gavrilo Princip, de uma arma (impossível saber se é a arma do crime, pois não contém legenda) e ocupando a página 15 inteira o “passo a passo” do assassinato. Nesta página temos uma repetição de um padrão escolhido durante toda a revista, isto é, muitas imagens com curtos trechos de texto. Já observamos esse padrão nos mapas de Artur Lopes, e novamente o encontraremos na seção sobre armamento, sobre o Barão Vermelho, entre outras.

Abordagem principal da revista

A revista analisada concede grande destaque a temas relacionados à tecnologia bélica. Tratando-se de uma revista temática voltada para a Primeira Guerra Mundial é compreensível que vinte e seis de suas oitenta e duas páginas abordem exclusivamente o tema. Nos artigos dedicados à tecnologia bélica temos³: Tecnologia, Gases Químicos, Trincheiras, Ases e Armamentos. O outro grande tema da revista pode ser descrito como combates por região, temos: Rússia, Oriente, Gallipoli, Estados Unidos, Japão, Europa, Briga no Mar e Alpes.

Outros temas

Nas páginas 24 e 25 o tema abordado são as crianças que combateram na I Guerra. O artigo de Cynthia de Miranda possui a foto de um garoto portando um fuzil ocupando inteiramente a página 24. Na página seguinte o artigo sobre as crianças ocupa dois terços da página e divide espaço com um artigo de Fábio Marton sobre a espiã Marta Hari. A quebra de página bem delineada indica a falta de relação entre os temas.

Um artigo interessante foi escrito por Adriana Kuchler e trata sobre as toneladas de correspondências enviadas dos campos de batalha. Da página 44 a 49 encontramos quatro fotos em destaque e trecho de cartas impressas com uma fonte que lembra a letra de um soldado. Encerrando os artigos temáticos, Cynthia de Miranda e Cristiano Dias, tratam do

³ Essas denominações referem-se a caixa de texto no canto superior esquerdo, já citada na página 4.

final da guerra e dos prós e contras dos tratados de Trianon, Saint-Germain-em-Laye, Neuilly, Sèvres e Versalhes.

Encerramento

O encerramento da revista é composto por três tópicos distintos: Tomos e Telas, Publicidade e Argumento. Tomos e Telas sugere a leitura de livros relacionados ao conflito e o filme de Stanley Kubrick de 1957, *Glória Feita de Sangue*. Todos os livros citados merecem uma foto da capa. A página 81 é inteiramente dedicada a propaganda da revista *Aventuras na História*. No campo superior direito a capa da edição que tem como a capa *As últimas horas de Getúlio* têm destaque. Na metade inferior outras oito capas são apresentadas, seis delas remetendo-se a uma personagem específica (Jesus, Che Guevara, Fidel, Bob Marley, Alexandre o Grande e Ramsés II. A última página da revista é a única que não possui grandes fotos e é preenchida por um artigo do professor Gilberto Agostinho, um dos autores do livro. O Século Sombrio, da Editora Campus.

CONCLUSÕES

Não há dúvida de que a Primeira Guerra Mundial recebeu esse nome devido as proporções do conflito. O assombroso número de vítimas, entre mortos e feridos, e os novos aspectos da guerra impressionavam observadores de época e nós contemporaneamente. A revista investiu nos dois aspectos dando relevo as vítimas do conflito, as batalhas e armas utilizadas.

Pudemos observar que a apresentação externa da revista visa atrair o público com o aspecto sombrio e o estímulo a curiosidade. Os gases tóxicos refletem o horror das novas tecnologias utilizadas (até respirar podia ser mortal!), os gases são invocados na capa (máscara de gás), em um artigo escrito por Tamis Parron intitulado *Proibido Respirar, no vale tudo dos campos de batalha, gases tóxicos viraram armas. Mais de 90 mil soldados foram vítimas dos sopros venenosos. Está inaugurada a guerra química* – e na seção de armamentos, *As Inovações da Morte*, escrito por Roberto Navarro e ilustrada por Kako. Na contracapa a segunda e a quarta frase fazem referências a temas atuais: invasão do Iraque e poderio dos Estados Unidos. A primeira frase apela para as baixas e a quarta para as armas utilizadas para perpetuar o morticínio.

Durante toda a revista os títulos e os subtítulos dos artigos nos remetem ao clima de combate, apreensão geradas pelo conflito e suas relações com o presente. Como exemplo os títulos: *Barril de Pólvora; Proibido respirar; Bagdá sempre Bagdá; Brincadeira Sangrenta; Inferno no Gelo; Fiasco; Covas Rasas*. Subtítulos: *Estava inaugurada a guerra química (p.18); Desse total 120 mil morreram em combate (p.24); No cenário armado para as batalhas, mais de 4 milhões de soldados morreram e tiveram seus corpos devorados por ratos (p.50); E o maior banho de sangue de toda a guerra (p.31)*. Esses títulos e subtítulos, acredito, são resultados da estupefação causada pela irracionalidade da guerra e os efeitos negativos para a humanidade.

As caixas de texto merecem atenção especial. Nelas estão contidas informações referentes ao tema abordado, maioria dos casos, ou temas que por alguma razão não puderam ser

deixados fora da publicação. Exemplificam o primeiro caso as caixas de texto *Agosto Sangrento* (p. 35); *Vítimas do vento* (p.19); *O Brasil, Patrulha no Atlântico* (p.57). No segundo caso: *Mata Hari, Da cama para a história* (p.25); *Santos Dumont, Por que ele se matou?* (p.17).

A iconografia está presente de Coleção Grandes Guerras, volume I, de forma maciça. Podemos classificar as ilustrações em três tipos: fotos, desenhos e mapas/infográficos. Distribuídos da seguinte forma:

Tipo das Ilustrações	Sem indicação do acervo/autor	Com indicação do autor	Identificado como reprodução
Fotos	48	0	4
Desenhos*	0	16	1
Mapas/infográficos	0	6	0

Não entrou na contagem, mas têm grande destaque a História em Quadrinhos do Barão Vermelho ocupando 6 páginas.

As imagens ilustrativas têm um grande poder na comunicação, durante o curso lemos o texto de Vico onde durante um capítulo ele desenvolve a idéia geral de sua obra sintetizada em apenas uma imagem. Dessa forma a foto de uma coluna de soldados avançando sobre um mar de gelo ocupando inteiramente as páginas 28 e 29 conjugada com o título, Inferno de Gelo, supera em muito o espaço dedicado ao texto (1/4 de página). 48 páginas das 82 da revista, são totalmente tomadas por imagens com os textos, quando existem, sobrepostos. Das mesmas 82 páginas apenas duas (34 e 35) não contém nenhuma imagem ilustrativa.

Sobre as imagens ilustrativas não podemos deixar de observar que nenhuma das fotos indica de onde foi reproduzida. Quatro fotos têm um C inscrito num círculo indicando que foram reproduzidas. O acervo nunca é citado, seja uma foto de Hitler ou de um soldado anônimo – não podemos supor outra coisa devido a falta de informações – escondido nas trincheiras.

Bibliografia

MARITAN, Jacques. Observações finais. In: *Sobre a Filosofia de História*. trad. Edgar de Godoi da Mata Machado. São Paulo: Ed.Herder, 1962, p.161-171.

JAGUARIBE`, Hélio. Introdução Geral. In: *Um estudo crítico da História*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 29-62.

VICO, Giambattista. Idéia (geral) da obra. In: *Princípios de (uma) Ciência Nova (acerca da natureza comum das nações)*. trad. Antonio Lázaro de Almeida Prado. 1ª ed. São Paulo, 1974. p.9-30.

LANGLOIS, Ch. V. e SEIGNOBOS, Ch. Operações sintéticas. In: *Introdução aos estudos históricos*. trad. Laerte de Almeida. São Paulo: Ed.Renascença, 1946, p.148.161.

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.